



Ensaio: A  
autobiografia  
intelectual de  
Marco Lucchesi • 3

# PROSA & VERSO

Ficção: Hong  
Kong vista pelo  
viajante Paul  
Theroux • 6

SÁBADO, 2 DE AGOSTO DE 1997

## Um álbum de famílias

Alexei Bueno, Bianca Ramoneda e Carlito Azevedo debatem a diversidade da poesia de hoje

Christina Bocayuva



ALEXEI BUENO(à esquerda), Bianca Ramoneda e Carlito Azevedo: três representantes de vozes poéticas distintas concordam plenamente que a poesia brasileira contemporânea vive momento pós-utópico com a convivência dos opositos

O recente lançamento da revista "Poesia sempre", que em seu 8º número ultrapassou as 500 páginas, só confirma o burburinho dos versos que embalam os recitais que proliferam na cidade. Por conta disso, o Prosa & Verso convidou três poetas de famílias distintas para falar sobre o tema. Ligada à herança marginal, Bianca Ramoneda foi indicada para o Prêmio Nestlé na categoria estreante pelo livro "S6". Carlito Azevedo, indicado no mesmo prêmio na categoria consagrada por "Sob a noite física", é influenciado pelos concretos. Alexei Bueno, autor de "A vida estreita", representa um diálogo mais direto com a tradição.

Elisabeth Orsini

O GLOBO: Vocês acreditam na revalorização de eventos como recitais de poesia?

BIANCA: É preciso trabalhar o interesse em poesia por vários canais. Se a platéia estiver receptiva ao ouvido não se pode perder a oportunidade.

CARLITO: Gosto de todas as formas de divulgação de poesia mas odeio ter referências cômicas acabem tendo um papel dominante nesses autores?

ALEXEI: Pode haver poesia cômica de alta qualidade como sempre existiu em todas as épocas. Mas o que acontece no Brasil atualmente é a sobrevivência de certos hábitos do primeiro modernismo, sobretudo o poema-piada, que está muito presente em muita poesia que se escreve e, às vezes, de uma maneira que parece completamente esgotada. Basi-

terior do leitor com o poeta. Sentir como o poeta recita, tem o efeito na voz de quem o criou é interessante.

• Qual o valor da tradição para o fazer poético?

ALEXEI: Não há como separar poesia de tradição, é uma coisa única.

BIANCA: Acho que tenho um pouco de problema de identidade porque não sei me encaixar em tribo nenhuma. Minha tribo é a tribo onde sinto que afetivamente aquilo me soa familiar. Adoro Fernando Pessoa, Manoel de Barros, Florbela Espanca, Cecília Meirelles, Arnaldo Antunes. E me pergunto: o que um tem a ver com o outro?

CARLITO: Para falar da minha família poética cito alguns contemporâneos: Nelson Ascher, Lu Menezes, Claudia Riquette-Pinto, Arnaldo Antunes, Antônio Cicero. São as pessoas que fazem um trabalho que assume a herança modernista, que passa pela face só límina de João Cabral, pela poesia concreta e pela poesia jovem dos anos 70. Acho que o principal dentro desse tema da família poética é a originalidade do momento com a convivência dessas famílias.

• Em muitos poetas jovens, o humor acaba se tornando um ingrediente importante. Não dá medo pensar que as referências cômicas acabem tendo um papel dominante nesses autores?

ALEXEI: Pode haver poesia cômica de alta qualidade como sempre existiu em todas as épocas. Mas o que acontece no Brasil atualmente é a sobrevivência de certos hábitos do primeiro modernismo, sobretudo o poema-piada, que está muito presente em muita poesia que se escreve e, às vezes, de uma maneira que parece completamente esgotada. Basi-

camente essa tendência na poesia brasileira me parece um dos vários maneirismos do primeiro modernismo que continua até hoje.

CARLITO: Tem gente que faz poesia com humor bem e mal. O uso de um ou outro material não define a qualidade. O que interessa é se esse material é bem usado. Se não corre-se o risco de criticar o material e não o trabalho.

BIANCA: O caminho pode ser primeiro o do silêncio, depois o do palco. Conheço muita gente que se interessa pelo que ouve e vai buscar a poesia, rompendo a concepção de que ela é chata.

• Quem você acha que está fazendo bom uso do humor na poesia?

CARLITO: Sebastião Uchôa Leite.

BIANCA: Michel Melamed.

• Historicamente a poesia sempre teve um conteúdo utópico subversivo aparentemente esaziado nos últimos anos. Vocês acham que ela ainda pode ser perigosa?

ALEXEI: Perigosa ao nível de perigo para as instituições é uma coisa que basicamente nunca existiu, aliás para todas as artes. Tudo bem, as artes geralmente acompanham os grandes movimentos revolucionários mas que algum movimento revolucionário tenha sido causado diretamente por prática de arte é coisa duvidosa. Seguramente na História do Brasil o único momento em que a poesia teve algum peso utópico revolucionário verdadeiro e realmente foi formadora de opinião foi na Abolição. A luta de Castro Alves foi difícilíssima.

CARLITO: Concordo com a idéia de que a gente vive num momento pós-utópico. Acho que Drummond e Cabral conseguiram pegar o último momento de

crença em alguma verdade exterior ao poema. Cabral podia defender uma estética construtivista e fazer poemas que defendiam aquela estética assim como Drummond em "Rosa do Povo" ainda tinha crença num certo regime político que precisava ser defendido por poemas. Não temos muito uma crença inquebrantável em algum sistema estético ou político para sair defendendo com poemas e isso dificulta muito o nosso lado.

BIANCA: A verdadeira subversão vem do movimento individual para depois se transformar em movimento social. Então eu acho que a poesia pode ser totalmente subversiva.

• O que vocês acham de Manoel de Barros, Ferreira Gullar e Chacal?

CARLITO: Manoel de Barros faz parte de uma tradição brasileira daquele poeta que vive isolado da vida literária. Ferreira Gullar atualmente é um dos meus preferidos. Seu livro mais recente, ainda inédito, tem um poema chamado "Fithos" que considero um dos mais bonitos que já li nos últimos anos. Chacal? Chacal é uma festa. Adoro encontrar com ele.

BIANCA: Vai parecer até que eu estou meio cismada com ele mas o trabalho de Manoel de Barros me emociona muito, muito. Gullar me passa essa coisa visceral, de vida e morte o tempo todo. É um poeta é muito forte. E Chacal é um combatente da poesia. Pode ter passado os anos 60, os anos 70, os anos 80, e Chacal está aí resistindo como um dinossauro da poesia.

ALEXEI: São três nomes de estilo completamente diversos. Há desde um quase distanciamento da vida literária co-

mo o que caracteriza o pantaneiro Manoel de Barros até uma quase fusão com a vida literária como Chacal. Ferreira Gullar está no meio disso tudo. São três nomes, cada um no seu estilo e no seu trajeto.

• O que vocês acharam do resultado do prêmio Nestlé na categoria poesia?

ALEXEI: Falar sobre qualquer prêmio literário no Brasil passa, nesse momento, pela categoria da crítica brasileira que está em plena agonia, uma crítica que colocou a carroça à frente dos bois. É uma crítica universitária que vive basicamente de sectarismos e cuja única relação com o fenômeno literário é esperar do fenômeno literário o que ela acha que o fenômeno literário seja. Que dizer, a crítica não vem mais depois da literatura, a crítica vem antes e tenta induzir a literatura. Sobre tudo essa crítica universitária que geralmente no Brasil é uma coisa que não representa nada esteticamente e que é, sobretudo, um maneirismo masturbatório. Ela é consumida e esquecida dentro das universidades. Tirando um acaso feliz, qualquer prêmio literário no Brasil sofre com o estado deplorável em que a crítica brasileira se encontra.

BIANCA: Acho muito difícil falar de merecimentos. No caso de Manoel de Barros que ganhou na categoria de autor consagrado, foi mais do que merecido mas penso que seria melhor uma menção honrosa. Também adoro a poesia de Antônio Cicero mas não me bateu muito ele ter sido premiado na categoria de revelação. Muitos dos textos do Antônio Cicero já são conhecidos há muitos anos através das letras de música.

Continua na página 4



O casal de missionários Ralph e Anna Eldred é enviado para uma estação isolada na zona rural da África do Sul, uma região ao mesmo tempo fascinante e assustadora. Neste ambiente hostil, eles se tornam uma presa fácil e uma tragédia os faz voltar à Inglaterra, levando o segredo mais bem guardado da família. Anos mais tarde, o segredo vem à tona, trazendo junto com ele uma história há muito esquecida. Sexto romance da autora britânica Hilary Mantel, *Mudança de clima* foi o romance mais citado pelos críticos literários britânicos em 1994.



MUDANÇA DE CLIMA

(A Change of Climate)

Hilary Mantel

Tradução de

Maria dos Anjos Santos Rouch

352 páginas

Preço: R\$ 28,00

"Inteligente e movimentado." — *Kirkus Review*

Hilary Mantel criou aquilo que é raro: um livro envolvente com uma profunda dimensão moral." — *Daily Telegraph*



À venda nas  
melhores livrarias  
(021) 585-2002



Internet: <http://www.v.record.com.br>